O Occidente

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

15.º Anno — XV Volume — N.º 489

21 DE JULHO DE 1892

Redacção — Atelier de Gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Um tempo magnifico, dias temperados, noites frescas, um tempo delicioso, que mais uma vez corrobora aquillo que ha muito pensamos, e é que não ha terra melhor para passar o verão do que Lisboa.

Entretanto, apezar do julho agradabilissimo que aqui vae correndo, começou já, e todos os dias continua em grande escala, a emigração para o campo, para as aguas, para o fóra da terra, que é a monomania, de longo tempo inveterada em todos os bons lisboetas.

Em chegando o mez de junho, o alfacinha principia a sentir a necessidade de se ir embora, de se tirar da sua casa confortavel da cidade para se metter em qualquer cubiculo anti-hygienico e pesado a ouro, que aluga ahi pelos arredores, em estradas poe rentas, onde de dia se não pode pôr o pé por causa do sol, onde de tarde se não pode passear por causa do pó, cubiculos onde aos domingos e dias santos se amontoam, como sardinhas em latas, as numerosas pessoas de relações que lá vão passar o dia, com grave prejuizo da bolsa dos donos da casa, com enormes amargos de bocca das donas da casa que não tem á mão os recursos que ha nas cidades, para improvisar, d'um momento para o outro, um jantar para uma ranchada de convivas, que de repente, inesperadamente, caem em casa.

E essa gente continua a ir todos os annos para fóra da terra, continua a incommodar-se muito, a massar-se, a gastar rios de dinheiro, a sahir dos seus habitos e das suas commodidades, durante dois a tres mezes, e continua com muito boa cara, muito contente, muito alegre, porque está fóra da terra, porque é moda ir para o campo porque é do bom tom sahir da capital na estação calmosa, porque está no movimento.

Costuma dizer-se que quem corre por gosto não cança, e por isso, esses escravos da moda, não cançam nunca e lá continuam todos os annos com os tarecos ás costas para os arredores de Lisboa, sem se importarem saber se vão ser mais incommodados e apanhar muito mais calor do que apanhavam aqui, nas suas casas, muito bem socegados, sem fadigas e sem despezas de mudança, muito á sua vontade.

Na emigração constante do verão a grande precentagem é a d'estes, que vão por moda, para fazerem aquillo a que se chama agora estar em villegiatura, para verem os seus nomes em lettra redonda nos jornaes, que é a grande ambição, a grande enfermidade do nosso tempo.

Depois temos os doentes que fazem todos os annos a via sacra das thermas e das caldas, que vão tomar aguas, banhos, fazer isso que se chama uma cura, cura que fazem todos os annos sem nunca chegarem a estar bons.

Em summa esses tem alguma desculpa. Vão á procura da saude, e muitas vezes não a acham, mas a saude é d'essas coisas que quanto menos se procura, o que não quer dizer que não seja tambem verdadeiro o contrario — que quanto mais se procura menos se acha.

Na tribu dos emigrantes de verão ha um grupo que nós comprehendemos melhor e de quem teriamos ás vezes certa inveja, se este peccado mortal estivesse nos nossos habitos, que felizmente não está — é o grupo dos excursionistas, que aproveitam estes mezes de verão para irem por ahi fóra ver esse formoso Portugal, cujas bellezas, cujos pittorescos panoramas, e cujo magnifico ar, compensa sobejamente dos incommodos, do calor e da massada da viagem.

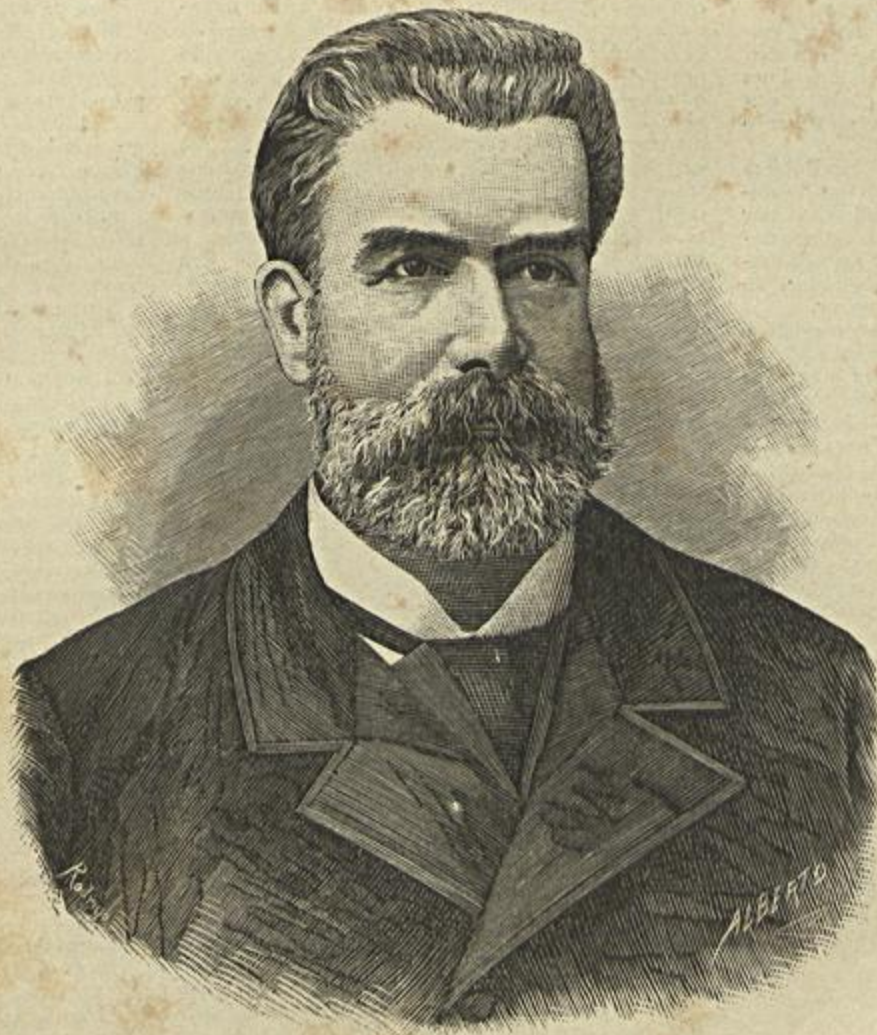
Este anno o ponto de mira d'esses escursionistas é Coimbra, onde as festas da Rainha Santa, que se começam no dia 24 do corrente mez promettem ter um brilho excepcional, mercê da presença de suas magestades El-Rei D. Carlos e da rainha D. Amelia, que vão assistir a estas festas e visitar pela primeira vez a historica cidade e os *formosos campos do Mondego.*

A visita dos augustos soberanos a Coimbra está chamando ali um numero fabuloso de forasteiros, e noticias particulares que d'aquella cidade temos dizem-nos ser já difficil, senão impossivel, encontrar-se alojamento, quer em hotel quer em casa particular, para os dias d'essas festas extraordinarias, da Rainha Santa.

A recepção que em Coimbra se prepara a Suas Magestades é extraordinaria, e na Figueira tambem reina grande alvoroço e enthusiasmo, porque consta que os regios viajantes estenderão até ali a sua visita.

De regresso da viagem a Coimbra, El Rei e a Rainha, a sr.ª D. Amelia, irão para as Caldas da Rainha passar o mez de agosto, e nos meiados de setembro seguirão para Cascaes a passar a epoca dos banhos do mar.

Estão portanto desde já marcadas as villegiaturas da moda este anno e não faltarão n'ellas festas nem animação.

Uma nota sympathica no meio d'essas festas regias.

DR. ANTONIO MARIA BARBOZA — Fallecido em 8 do corrente

(Segundo uma photographia de Fillon)

Sua Magestade El-Rei D. Carlos determinou que, do mesmo modo que já determinára com relação ás festas da Rosa d'Ouro, todas as despezas por Suas Magestades feitas com estas viagens sahissem do seu bolsinho particular.

*
* *

Como é já velha usança ha um bom par d'annos, o cholera morbus apparece logo em scena mal chega o verão.

Este anno cá está elle já na ordem do dia, e as noticias que d'elle nos vem do estrangeiro não são lá muito boas, nem muito tranquillisadoras.

Sobre o cholera que ha em França póde haver certas duvidas. Uns dizem que o governo francez encobre tanto quanto possivel a gravidade do caso, outros affirmam que os jornaes parisienses fazem bulha de mais, exageram a importancia de alguns casos de cholera nostra que todos os annos apparecem nos mezes de calor, para chamarem as attenções do publico, para attrahirem leitores, seja como fôr, o que é certo, infelizmente, é que o cholera asiatico está na Europa. Fez a sua entrada por Bakon, na margem occidental do mar Caspio, depois subiu a Astrakan e pelo Volga encaminhou-se para o coração da Russia, ao mesmo tempo que por Tifles marchou até Batoum, sobre o mar Negro e ameaça a Criméa e Constantinopla.

Por emquanto está ainda longe, mas com a rapidez de communicações não ha hoje longes na Europa, os paizes fazem muito bem de ir tomando as suas precauções contra a visita do terrivel hospede, e o nosso governo já tomou as suas providencias, limitando-as por emquanto, ouvido o conselho de saude, á visita sanitaria e desinfecção de passageiros e bagagens em Marvão, Elvas e Villar Formoso, reservando os lazaretos, as quarentenas e os cordões sanitarios para o caso, que oxalá se não dê, do mal tomar maior incremento em França e invadir a Hespanha, até hoje, ainda bem, perfeitamente indemne.

*

O *Diario do Governo* publicou ha dias a reorganisação dos serviços d'instrucção publica no ministerio do Reino, serviços que tinham passado para o ministerio especial de Instrucção e Bellas Artes, em março abolido pelo governo.

N'esta reorganisação da Direcção Geral da Instrucção Publica ha uma coisa muito digna de louvor — a introducção no novo regulamento d'um grande principio de justiça, que garante aos actuaes funcionarios o seu futuro e o seu accesso oos lugares superiores da Direcção.

Na antiga Direcção Geral de Instrucção Publica do mesmo modo que na Direcção politica do ministerio do Reino, as promoções eram feitas por concurso, mas esses concursos eram alternadamente entre os empregados da classe immediatamente inferior, e entre candidatos estranhos ao ministerio que tivessem um curso superior.

O resultado d'esta maneira de fazer promoções foi o que não podia deixar de ser e não nos lembra do nosso tempo de concurso entre empregados do ministerio e concorrentes estranhos á secretaria, em que alguns d'aquelles fossem promovidos, resultando d'ahi grave prejuizo para os empregados antigos que se viam preteridos por gente que vinha de fóra occupar os lugares superiores da secretaria. Graças aos esforços empregados pelo illustre director geral da Instrucção Publica o sr. conselheiro Abreu Gouveia e á boa vontade do ministro, esse systema acabou na Direcção Geral de Instrucção Publica, na sua nova remodelação de serviços, sendo d'aqui para o futuro as promoções feitas unicamente entre os empregados da Direcção, precedendo proposta dos respectivos chefes e director geral e sendo unicamente permittido abrir concurso para estranhos desde o momento em que nos empregados de cathegoria inferior áquella em que se der a vaga se reconheça absoluta incapacidade para prehencher essa vaga.

Conseguindo arrancar do antigo regulamento aquelle systema de concursos que tanto projudicava os empregados da Direcção Geral d'Instrucção Publica o sr. conselheiro Abreu Gouveia provou o seu amor pela justiça, e o seu zelo pelo futuro dos seus empregados, e bem mereceu de todos elles. Honra lhe seja.

*

Ha poucas semanas ainda registamos aqui a noticia da morte do sr. Julio Ruas antigo emprezario e camaroteiro do theatro do Principe Real e já hoje temos que registar a morte de seu irmão e seu antigo socio e que assumira sosinho a empreza do theatro.

O sr. Francisco Ruas succumbiu a uma uremia a mesma doença gravissima que ha pouco tempo poz as portas da morte a pessoa que escreve estas linhas e de que a salvou a alta sciencia e extraordinaria pericia de operador do sr. Dr. Arthur Furtado.

Foi este mesmo notabilissimo medico que á altima hora foi chamado para tratar do sr. Ruas, mas foi chamado tarde de mais. A uremia tinha subido já muito, a gangrena lavrava já por todo o corpo do infeliz doente e apesar de toda a sciencia e dedicação do grande operador a salvação foi impossivel.

O Dr. Furtado tentou todos os meios, fez-lhe ainda duas operações, que valeram ao enfermo alguns alivios passageiros, mas a mortificação dos tecidos era já tão intensa que a morte era inevitavel e o sr. Ruas expirou no sabbado ás 11 horas e meia da noite, tendo-lhe ainda sido feita uma conferencia horas antes pelos srs. Drs. Arthur Furtado e Souza Martins.

A morte do sr. Ruas causou profunda sensação, já por elle ser muito querido e estimado pelas suas excellentes qualidades e bondoso caracter, já por essa fatalidade estranha que em menos de dois mezes reuniu no mesmo tumulo dois irmãos que tanto se estimavam e que tão unidos eram na vida.

Os filhos do fallecido tomaram a seu cargo a empreza do theatro do Principe Real, garantindo as escripturas, que pelo seu pae tinham sido já feitas para a proxima epoca.

A' familias Ruas os nossos sentidos pesames.

Gervasio Lobato.

ANTONIO MARIA BARBOZA

A morte de Antonio Maria Barboza foi das que mais geralmente se têem feito sentir no nosso paiz durante a segunda metade d'este seculo. O preito que lhe prestaram todas as classes da sociedade por occasião de seu passamento, as phrases que os periodicos mais notaveis de Portugal tiveram para commemorar a perda de varão tão illustre como bom, os testemunhos de consideração tão elevada como distincta com que a sciencia a par da amizade têem sabido lamentar o desapparecimento do professor e do amigo: são prova, — se de provas hoje carecesse a sua memoria, — que vêem confirmar ainda uma vez o apreço em que era tido pelos da sciencia e a estima com que era encarecido pelos amigos. E' que esse homem, que hoje só podemos enumerar entre os mortos illustres, tinha a um tempo a vastidão e a cultura intellectual que o estudo conquista, e a bondade innata de uma alma santa que a Providencia só concede aos da sua eleição. Era pois de justiça que o pranteassem quantos lhe conheceram a valia da intelligencia e o quilate puro de um coração absolutamente bom; da mesma fórma que elle, em vida, tivera lagrimas muitas vezes para a desgraça, que lhe pedia á competencia provada e á pericia não vulgar os soccorros de que carecia.

*
* *

Como homem de sciencia, fôra o professor Barboza distincto entre os que o sabem e podem ser. Essa distincção, proviera lhe sobretudo de uma qualidade com que muitos se não exornão : — a Consciencia. E teve-a sempre. Tanto nos cursos escolares, — em que sobresaiu sempre como primeiro entre os mais laureados e obteve sempre louvor nas approvações das nove cadeiras que então constituião o curso da Escola medico cirurgica, alem de varios premios, — como no glorioso decorrer da sua vida de professor e de clinico: soube sempre antepôr o trabalho honrado e os dictames de uma consciencia segura e sã, aos reclamos com que se empaveza a mediocridade, ao charlatanismo de alheias pennas com que se recobrem os nullos.

Na sua brilhante carreira de professor, preferiu sempre o raciocinio bem exposto e deduzido á phrase balofa, tão esteril como vã; tal como procedia como clinico e operador, em que não se deixava jamais seduzir pelo bombastico das noticias encomiasticas, nem pelo ruido de uma popularidade sem criterio. Para elle, a operação, era um fim e não um começo. Sem se preoccupar nem transigir com as difficuldades, só operava como recurso; que para elle o operar era um termo de chegada e não um ponto de partida. Quando os outros meios que a sciencia aconselha eram provadamente insufficientes ou inuteis, era então, e só então, que elle consciencioso sempre, recorria á operação quando ella naturalmente se indicava. Raro se pode ser mais firme, mais sereno, mais elegante, mais seguro, mais rapido do que elle no trabalho operatorio. Os incidentes, as circumstancias supervenientes, as difficuldades inesperadas, os perigos imprevistos ou rapidamente levantados, vencia os elle com a mesma facilidade e sangue frio com que iniciava a tarefa que com felicidade sempre rematava em bem.

Outra qualidade tinha ainda o professor Barboza : não rejeitava *in limine* a opinião dos *novos*, embora diversa da sua. Pelo contrario, ouvia-a sempre e era só depois de a discutir no campo da sciencia e de a apreciar no fôro da consciencia, que elle a rejeitava ou acceitava, sempre com o prazer que a justiça dá, quando se applica a tempo. É que para o clinico e para o professor, a gloria valia menos do que a consciencia.

E é por isso que hoje todos lamentão a perda d'esse homem, que, se tinha a cultura opulenta de uma intelligencia vasta que o estudo só conquista, tambem tinha a consciencia e a bondade innata de uma alma santa que a Providencia só concede aos de sua eleição.

*
* *

Eis os principaes dados biographicos de Antonio Maria Barboza.

Nasceu no Fayal a 12 de julho de 1825 e defendeu these, — em que obteve *louvor* — a 16 de julho de 1856. Foi premiado seis vezes durante o curso e obteve *approvação plena e com louvor* em todas as cadeiras.

Cargos que desempenhou :

Professor de anatomia pathologica e depois de medicina operatoria na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, cadeiras que regeu com a maxima proficiencia. Estava jubilado desde 1876.

Cirurgião effectivo do Banco do hospital de S. José e seu director desde 4 d'agosto de 1855.

Director da enfermaria de Santo Antonio (1857) no Hospital de S. José e da enfermaria de Santa Quiteria (1885) no hospital Estephania. N'esta ultima enfermaria foi substituir o cirurgião Alves Branco.

Medico do hospital de S. Luiz dos francezes;

Medico effectivo do Paço.

Pertencia ás seguintes associações scientificas :

Sociedade das Sciencias Medicas, de que foi presidente, e depois socio benemerito;

Academia Real das Sciencias de Lisboa, de que era socio effectivo e de que foi vice-presidente. Foi tambem presidente da primeira classe da mesma academia ;

Sociedade Pharmaceutica Lusitana de que foi socio honorario ;

Instituto de Coimbra, de que foi socio correspondente ;

Socio correspondente da Academia Nacional de Paris ;

Real Academia de Turim ;

Academia Real de Medicina da Belgica ;

Academia Real de Medicina de Madrid ;

Sociedade das Sciencias Medicas e Naturaes de Bruxellas ;

Sociedade Medico Cirurgica Pratica de Bruxellas ;

Sociedade Anatomica de Paris ;

Sociedade Imperial de Cirurgia de Paris ;

Sociedade de Anthropologia Hespanhola ;

Sociedade de Gynecologia Hespanhola.

Distincções honorificas .

Medalha municipal da febre amarella (20 de junho 1859).

Cavalleiro da Torre e Espada (2 de setembro de 1882).

Commendador de S. Thiago (12 d'agosto de 1885).

» de S. Mauricio e S. Lazaro (Italia 9 de setembro de 1869).

» de Isabel a Catholica (Hespanha, 24 de dezembro de 1866).

» da Rosa (Brazil, 20 de julho de 1872).

» de Gustavo Wasa (Suecia).

Carta de Conselho — (20 de abril de 1871).

Moço Fidalgo com exercicio — (10 de maio de 1871).

Gran-Cruz de Christo — (26 de maio de 1879, pelos serviços prestados na grave doença de S. M. a Sr.ª D. Maria Pia).

Gran-Cruz de Izabel a Catholica — (maio de 1883).

Official da Legião d'Honra.

Bibliographia:

Além de varios artigos publicados em revistas medicas nacionaes e estrageiras, escreveu:
Ensaio sobre o cholera epidemico e Instrucções contra o cholera-morbus, de collaboração com o prof. Cunha Vianna (1854).
Tratamento dos apertos d'uretra (1856).
Noticia sobre a febre amarella (1858).
Croup (1861).
Tracheotomia no Croup (1863).
Uretrotomia interna (1864).
Acção da fava do Calabar (1865).
As paraplegias do Azylo da Ajuda (1865).
Ovariotomia (1866).
Statistique de l'Hôpital de St. Joseph (1867).
Relatorio do Congresso de Medicina em Paris (1867).
Do enxofre contra a angina diphterica (1868).
Laqueação da arteria iliaca primitiva (1876)
Nota estatistica das grandes operações, etc.

Em 1849, ainda estudante, na presença e sob a direcção do dr. Barral, seu mestre, submetteu-se á primeira experiencia de etherisação em Portugal, cujas applicações clinicas foram pouco depois iniciadas pelo professor Theotonio da Silva e cirurgião Clerk. As impressões da experiencia a que Barboza se sujeitou, foram por elle publicadas no n.º 11 do *Jornal da Soc. Pharm. Lusit.* tom. IV.

Foi o primeiro que extirpou tumores hemorrhoidarios com o esmagador de Chassaignac; o primeiro que operou de ovariotomia; o primeiro que introduziu em Portugal as insufflacções com flôres de enxofre lavadas contra a angina diphterica; o primeiro que empregou como calmante o hydrato de chloral e o jaborandi como diaphoretico, experimentando-o em si primeiro; etc.

Taes são, ao correr da penna e tanto quanto nol-o permittiu o pouco tempo de que dispozemos, os principaes traços da vida do illustre professor e notavel clinico que foi roubado á sciencia e ao carinho dos que o estimavam — que eram quantos o conheciam — em 8 do corrente.

Os serviços que Antonio Maria Barbosa prestou á sciencia e ao seu paiz só mais tarde poderão ser devidamente aquilatados.

Lisboa, 18 de Julho de 1892.

Greenfield de Mello.

THEREZA AÇO

E vão lá não acreditar em enguiços!

A pobre e illustre actriz de quem hoje damos o retrato e cuja morte inesperada tão grande sensação produziu em Lisboa e no Porto acreditava n'elles, era supersticiosa e a morte veio provar tristemente, com uma serie de coincidencias lugubres que tinha razão em o ser.

Thereza Aço tinha grande enguiço com as sextas feiras e com os dias 13; pois o acaso fez com que ella sahisse do Porto para Lisboa, n'esta sua ultima viagem n'uma sexta feira, fez com que fosse n'uma sexta feira que entrasse para o Hospital Estephania, fez com que a operação se realizasse no dia 13 e por ultimo que sobre o seu caixão se collocassem 13 corôas!

Como o Acaso se diverte ás vezes em preparar theatralmente este jogo de dias asiagos e de datas fatidicas, para dar razão a crendices, e agouros e para desnortear os espiritos fortes, que em frente d'estas coincidencias sinistras acabam muitas vezes por enfraquecer.

Aqui ha tempos fallando a respeito d'estes enguiços com uma das primeiras damas da nossa mais alta aristocracia, a primeira pela sua suprema distincção, pelo seu brilhante espirito, pela sua poderosa organisação de artista, dizia-nos ella, que tambem tinha enguiços e que se submettia a elles, porque não valia a pena ser-lhes superior, porque de tentar não fazer caso d'elles veem umas preoccupações, uns receios, umas hesitações que nos incommodam muito mais do que fazer a vontade a esses enguiços.

E é perfeitamente assim.

— Uma vez, contou-nos ella, jantamos treze pessoas á mesma meza. Todos nós rimos do agouro com o numero treze, mas rimos com certo riso amarello. Jantamos treze sem nos querermos importar com o numero mas jantámos menos bem do que se não fossemos treze. E depois passado o jantar ficamos todos, sem querer, preoccupados durante um anno.

Durante esse anno adoeceram sete dos treze, e esses sete tiveram a aggravar-lhes a doença a lembrança do maldito jantar. Dos sete doentes um morreu e essa morte foi recebida pelos outros com muita pena, mas com muito menos pena do que se em vez de termos jantado 13, tivessemos jantado 12 ou 14, porque no fim de tudo no meio da tristeza que a todos causou essa morte, houve um bocadinho de prazer egoista, profundamente humano, o alivio de saber já paga uma certa divida, e por isso eu nunca mais jantei nem torno juntar treze pessoas á mesma meza.

E quem sabe se no meio da doença de Thereza Aço, o demonio da superstição a lembrança sinistra do dia 13 e da sexta feira, não andariam a atormentar-lhe o espirito, a aggravar-lhe o estado moral, a augmentar-lhe as torturas horriveis do seu doloroso soffrimento.

*
* *

Thereza Aço morreu nova ainda, tinha apenas 40 annos, apezar da sua apparencia incuicar mais idade, como acontece de ordinario a todas as pessoas gordas, e robustas como ella era.

Thereza Aço nascera em Silves, velha cidade algarvia a 18 de maio de 1852; seus paes não eram ricos mas tinham com que viver modestamente, honestamente. Depois um bello dia a desgraça bateu-lhe á porta.

Começou por levar os modestos haveres de sua familia e acabou por lhes levar os seus paes.

Thereza Aço, muito nova ainda, ficou orphã, e orphã com tres irmãs mais pequenas a quem tinha de servir de mãe, de protectora, de ganha pão.

Começou a trabalhar para fóra, a costurar, mas sabe-se que magros são os porventos da agulha.

No Algarve ha muito gosto pelo theatro, são innumeros os curiosos dramaticos e um grupo d'esses curiosos convidou Thereza Aço, que era muito bonita, que tinha uma gentil figura para a scena, para tomar parte n'uma das suas recitas.

Thereza Aço, que sentia em si a vocação do theatro e que via na vida de actriz carreira mais rendosa para poder fazer face aos encargos de familia, que sobre ella pezavam, acceitou o convite e debutou com esses curiosos no theatro de Lagos em 1871.

Tinha então 19 annos, estava em todo o esplendor da sua insinuante belleza.

O seu debute foi uma verdadeira revelação.

N'esse tempo vivia em Faro um homem riquissimo que tinha o fanatismo do theatro, o dr. Cumano. Era propriedade sua o theatro Lethes onde tinha uma companhia de curiosos, que á sua custa representava com o maior brilho e lusimenmento todas as peças que faziam successo em Lisboa como a *Grã-Duqueza*, *Barba Azul*, *Diamantes da Corôa*, *Morgadinha de Val-Flôr*, etc.

Sabedor da magnifica estreia de Thereza Aço no theatro de Lagos o dr. Cumano tratou logo de a escripturar na sua companhia e Thereza Aço representou ahi em varias peças com muito exito distinguindo-se sobretudo na Morgadinha de Val-Flôr, no papel da protogonista que ella fez com tão notavel talento, que a fama d'essa creação chegou até Lisboa.

Taborda e Isidoro que por essa occasião foram ao Algarve em excursão artistica viram Thereza Aço, ficaram maravilhados com ella e aconselharam-n'a a que viesse para Lisboa onde com certeza a esperava um logar distincto no theatro.

O dr. Cumano soube d'esses conselhos e ficou muito melindrado com os dois grandes actores que aconselhavam, a que lhe fugisse, a *estrella* do seu theatro.

Thereza Aço ficou muito lisongeada com o conselho, mas não o seguiu; dava se muito bem ali, era muito estimada e muito querida pelos seus collegas e pelo publico e deixou-se ficar em Faro.

D'ali a annos, em 1877 o actor Polla que era do Algarve e que se tinha estreiado no theatro Lethes, foi em digressão artistica á sua terra natal com uma companhia de que faziam parte Maria das Dôres, Macedo, José Ricardo, hoje casado com uma irmã de Thereza Aço, a distincta actriz Dôres Aço, etc.

No reportorio da pequena troupe iam os *Engeitados* de Antonio Ennes, mas faltava-lhe uma actriz para fazer o papel de Viscondessa. Thereza Aço encarregou-se d'esse papel e desempenhou-o d'uma maneira brilhante, que encheu de assombro os artistas de Lisboa, Cesar Polla repetiu-lhe os conselhos que Taborda e Isidoro lhe tinham dado, mas Thereza Aço, apezar de ter muita vontade de vir representar para theatros onde a sua grande vocação mais se podesse accentuar, não tinha coragem de deixar os seus companheiros de trabalho, que tanto lhe queriam, de deixar os seus patricios que tanto a estimavam e continuou a ficar no Algarve.

Mezes depois, convidada por um dos grupos de curiosos mais distinctos da provincia, Thereza Aço foi representar a Tavira; d'esse grupo era ensaiador, e ensaiador distinctissimo um dos curiosos dramaticos mais illustres que tem havido na nossa terra, o nosso querido amigo o dr. Joaquim Tello hoje redactor das *Novidades* e chefe d'uma das repartições do ministerio das Obras Publicas.

O dr. Tello gostou muito de Thereza Aço, achou-lhe um grande talento, deu-lhe muitos e sabios conselhos artisticos, conselhos que Thereza aproveitou e a que deveu notaveis progressos na arte de representar.

Em 1879 o distincto actor Taveira, regressando do Brazil foi ao Algarve e ahi adoeceu gravemente.

Thereza Aço que tinha um coração d'ouro, que não era só uma formosa mulher e uma excellente actriz, que era tambem uma santa creatura, vendo Taveira doente, vendo que elle tinha apenas a velar á sua cabeceira uma creada, offereceu-se-lhe para enfermeira e nunca a houve mais zelosa e dedicada.

Durante muitos dias e muitas noites Thereza Aço não se tirou do seu lado um só momento, tratando-o com o disvello da mais carinhosa irmã de caridade.

Depois veio a convalescença e esta-se a vêr o romance d'amor que d'ahi sahiu.

Ella, a enfermeira, nova, gentil, formosissima elle, o doente, um rapaz interessante, amavel, distincto; elle devendo a vida aos seus cuidados, ella querendo a essa vida como a obra sua; elle artista, ella artista tambem, tendo ambos os mesmos ideaes de gloria, abrazando ambos no mesmo fogo sagrado da arte.

Aconteceu o que não podia deixar de acontecer.

Inconscientemente, involuntariamente sem darem por isso, amaram-se.

Quando o perceberam ficaram muito admirados ambos, ambos muito felizes.

Elle não hesitou um momento. Amava-a; era amado; devia-lhe a vida, offereceu-lh'a. Ella, acceitou-a jubilosa e no dia 24 de dezembro de 1880 o actor Taveira casava com a actriz Thereza Aço na egreja parochial de Silves, a egreja onde ella fôra baptisada.

Casamento d'artistas de raça, a festa das suas bodas foi tambem uma festa de artistas, o seu baile de nupcias foi representarem na noute immediata ao do seu casamento a *Morgadinha de Val Flôr*, fazendo a noiva o papel de Morgadinha e o noivo o de Luiz Fernandes, e é facil de calcular o enthusiasmo, a convicção com que seriam representadas as scenas de amor da celebre peça de Pinheiro Chagas.

Em setembro de 1881 Thereza Aço e seu marido foram escripturados pela sociedade emprezaria do theatro de D. Maria, e Thereza Aço debutou nos *Burguezes de Pontarcy*, fazendo o papel que no anno anterior fôra desempenhado pela actriz Paladini e tendo n'elle um bello exito.

No anno seguinte Thereza Aço e seu marido foram para o Porto onde estiveram até 1885 em varios theatros e onde Thereza representou com grande successo papeis de importancia como a Gervasia da *Taberna*, a Almirante da *Martyr*, a Baroneza do *Marquez de la Seglière*, a *Princeza de Bagdad*, a *Ingleza*, *Filha do Mar*, *Filho da actriz*, *Noites da India*, *Falsa adultera*, *Cão de Cego*, *Cabana do Pae Thomaz*, *Manhã d'Arthur*, *Filho da Noite*, *A Senhora da Bonança*, *Cabo Sinão*, *Fidalgos da Casa Mourisca*, *Tomada da Bastilha*, *Fidalgos de Grantier*, etc., Em 1885 Thereza Aço foi com uma troupe organisada por seu marido aos Açores e ahi foi alvo das mais estrondosas ovações e ahi voltou depois do incendio do theatro Baquet, por ter sido mandado fechar, pela auctoridade, para fazer as obras necessarias, para segurança do publico em caso de sinistro, o theatro dos Recreios, hoje theatro D. Affonso, que seu marido então dirigia e explorava.

Foi ahi, n'essa segunda viagem ás ilhas, que Thereza Aço começou a padecer da terrivel doença que tão cedo a havia de matar — phileromas no utero.

O mal foi augmentando dia para dia e a necessidade da operação tornava-se urgente.

Thereza Aço queria fazer essa operação ha muito tempo; corajosa, cheia de animo, preferia affrontar as dôres e os perigos da operação á tortura continua permanente da sua enfermidade.

Seu marido, como se advinhasse o triste desenlace d'essa operação, não tinha vontade que ella a fizesse, entretanto conhecendo que era indispensavel tinham planeado ir a Paris para a enferma ser operada. Antes d'isso Taveira veu a Lisboa com sua mulher e a sua companhia dar uma serie d'espectaculos no Real Colyseu. Aqui apparece o sr. Celestino, emprezario d'um theatro do

Brazil e entabolou negociações para Taveira e a sua companhia ir dar uma serie de espectaculos no Rio de Janeiro em junho do corrente anno.

Thereza Aço quer ir em companhia do seu marido, mas como o seu estado lhe não permittia a viagem, resolve abreviar a operação, e fazel-a mesmo em Lisboa.

— O estado em que estou, dizia ella, não me deixa fazer os meus papeis e não quero ser uma inutilidade na companhia.

No dia 6 de maio entrou para o hospital Estephania, muito alegre, cheia de confiança no bom resultado da operação.

O operador escolhido foi o Dr. Ravara, um dos melhores de Lisboa, mestre consumado n'essas operações, de que tem feito centenas, coroadas de bom exito.

No dia 9 de maio Thereza Aço é operada. A operação feita com a maior destresa correu perfeitamente, sem o mais pequeno incidente que pudesse fazer antever um mau desenlase.

Todos estavam contentes, o operador, a operada, o seu marido, os seus collegas que a estimavam, que a adoravam como a melhor das companheiras.

O estado de Thereza Aço depois da operação era o mais satisfatorio possivel e tudo fazia prever o mais feliz resultado. Infelizmente d'ali a dois dias manifesta-se a peritonite, o grande perigo a temer n'estas operações melindrosas, e no dia 13 de maio a pobre e gloriosa actriz succumbia aos estragos d'essa peritonite, rapidamente, inesperadamente, sem que a morte lhe desse tempo de se despedir sequer do seu estremecido marido, que ao correr ao hospital louco de dôr apenas poude abraçar o cadaver da sua estremecida esposa.

A morte de Thereza Aço veio pôr um ponto final nas recitas da companhia de Taveira em Lisboa.

No dia immediato o cadaver da desgraçada e grande artista foi transportado para o Porto acompanhado por todos os seus collegas, e no Porto os seus funeraes foram extraordinariamente concorridos; uma imponente e saudosa manifestação de quanto a illustre morta era querida e adorada pelo publico portuense, que durante muitos annos tinha podido apreciar as suas poderosas faculdades d'artista, as suas altas virtudes de mulher.

A morte de Thereza Aço foi uma grande perda para a arte, uma enorme falta para o theatro onde occupava logar distinctissimo, uma enorme falta para quatro sobrinhos seus, filhos d'uma sua irmã já fallecida, quatro creanças de quem era o amparo, a protectora, a segunda mãe, uma enorme falta para seu estremecido marido que a adorava, a quem a morte da esposa idolatrada e da companheira estremecida veio aniquilar para sempre a felicidade e a alegria.

Gervasio Lobato.

A ACTRIZ THEREZA AÇO — FALLECIDA EM 13 DE MAIO DE 1892

(Segundo photographia de E. Biel)

AS NOSSAS GRAVURAS

MARROCOS — ALHUCEMAS

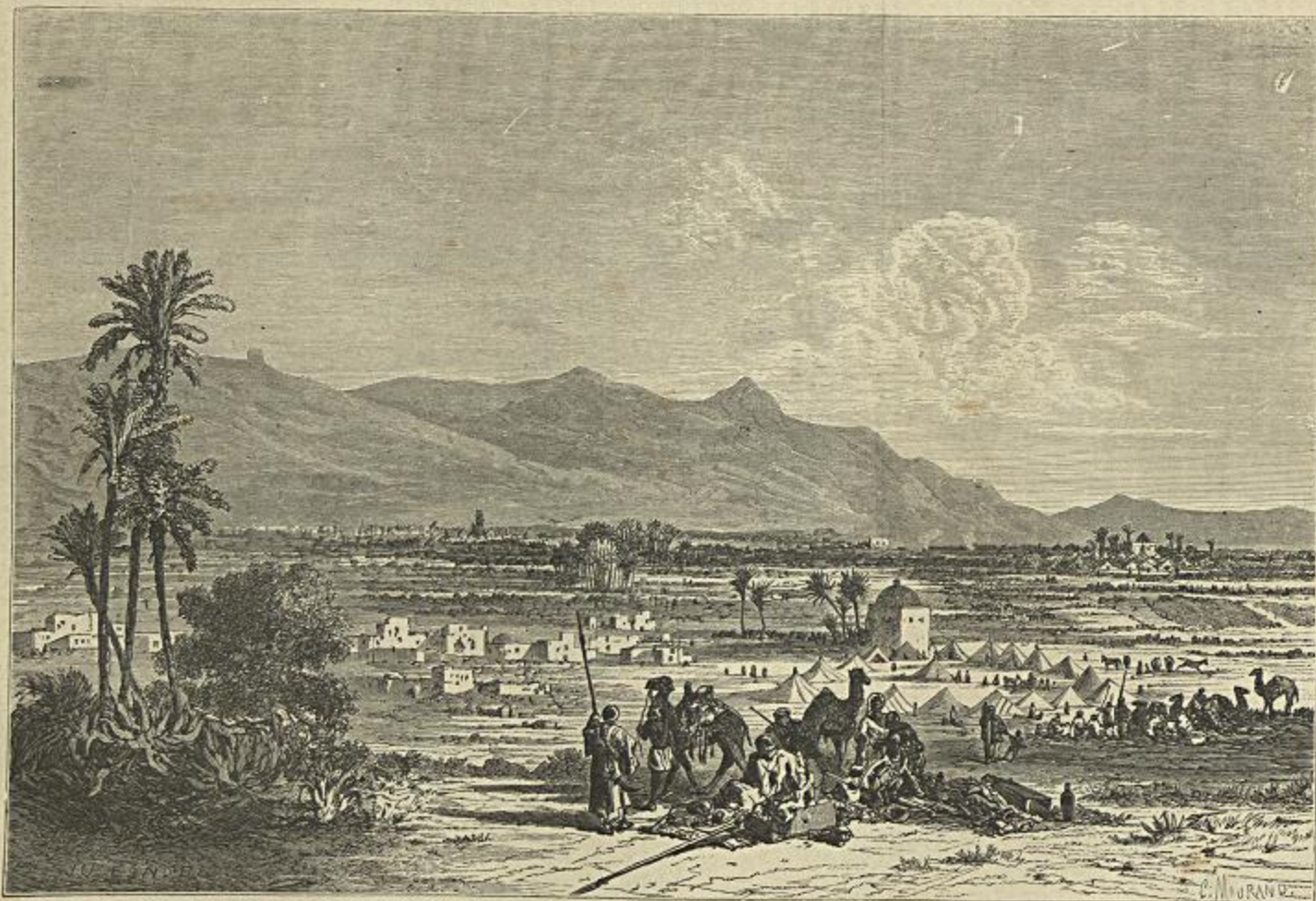
Por varias vezes se tem occupado o OCCIDENTE do imperio de Marrocos, fallando da sua historia e descrevendo os seus costumes, por isso hoje publicando uma vista de Alhucemas, nos limitaremos a esta cidade d'aquelle paiz africano.

Alhucemas, apesar de estar no territorio denominado Marrocos, pertence todavia á Hespanha, assim como Ceuta, Peñón e Velez.

E' uma das praças que a Hespanha ali possue e para onde manda degredados. Dista 100 kilometros a S. O, do Cabo de TresForcas e a maioria dos seus habitantes são arabes, havendo um

PORTALEGRE — LARGO DO ROCIO, ONDE SE FAZ A FEIRA FRANCA

Vide art. «Oito dias no Alemtejo»

(Segundo uma photographia de Paino Peres)

MARROCOS — Uma vista de Alhucemas

pequeno numero de hespanhoes entre estes degredados.

Alhucemas tem o aspecto de uma cidade arabe, povoada de palmeiras que mal suavisam com sua sombra a ardencia dos raios solares, de um clima abrazador. Pelas planiceis estendem-se muitas tendas armadas que servem de guarida aos viajantes que em carabanas ali passam de viagem para outros pontos de Marrocos.

E' pouco importante o commercio de Alhucemas, e consequentemente a sua industria. Limita-se á criação de gado de inferior qualidade, a não ser camellos que ali se empregam em conducções e outros trabalhos.

O MAESTRO THOMAZ BRETON

Deu-se ha pouco em Barcelona um acontecimento artistico que despertou grande enthusiasmo, com a estreia da nova opera *Garin* do maestro Breton no theatro Liceo.

Foi em a noite de 14 de maio que pela primeira vez se cantou a nova opera, e o exito foi completo, fazendo o publico as mais ruidosas manifestações de agrado ao distincto maestro, tanto na grande sala do Liceo de Barcelona, como em frente da casa de Breton, onde uma enorme multidão o foi victoriar n'aquella noite

A nova opera do auctor de *Los amantes de Teruel*, é baseada sobre uma lenda catalã que tem dado assumpto a poemas e outras obras poeticas, entre ellas *La Azucena milagrosa*.

Esta lenda é em resumo o seguinte:

Nos tempos das guerras com os mouros para os expulsar da Peninsula Iberica, houve um tal João Garin que combateu os serrassenos, ficando de uma vez captivo. João Garin vendo-se captivo e soffrendo todos os rigores do seu captiveiro entre mouros, prometteu dedicar-se todo a Deus renunciando ás cousas do mundo se Deus se service livral-o d'aquella escravidão.

Deus ouviu o seu pedido e promessa, porque tendo os mouros soffrido uma derrota que lhe fez o rei de Aragão, e entrando em negociações com este principe, deram liberdade aos christãos que tinham em seu poder e entre estes foi João Garim um d'elles.

Teve então o joven soldado grande alegria por se vêr livre do captiveiro em que estivera e, não esquecendo a sua promessa, dirigiu-se a Barcelona a despedir-se de seus paes e partiu para Moutserrat, em habitos de monge, e ali se foi entregar a Deus renunciando ao mundo, como promettera.

A austeridade da sua vida toda entregue a contemplação do creador e á pratica das mais puras virtudes, ganhou-lhe fama de santidade entre o povo, fama que se foi propagando, augmentada com os milagres que se lhe attribuiam

Aconteceu que por estes tempos o conde Jofre governador da provincia e cidade de Barcelona, tinha uma filha, Riquilda se chamava, que adoeceu de uma enfermidade que nem os medicos, nem os feiticeiros, nem os exorcismos da egreja soberam curar, e entretanto o joven fidalga debatia-se entre os horriveis soffrimentos do seu mal para que se não encontrava cura. Lembraram-se então de recorrer ao virtuoso ermita de Montserrat, para dar cura á doente, e o pae de Riquilda partiu com sua filha para a gruta onde vivia João Garim, fazendo-se acompanhar de grande comotiva e todas as commodidades possiveis ao melindroso estado da doente.

Por lá se demorou algum tempo emquanto o milagroso ermita impetrava do ceu remedio para a desditosa donzella, mas o seu coração, que elle tão cedo quizera fazer morrer para as cousas do mundo, não poude resistir aos encantos e á formosura da jovem que confiaram á sua santa protecção, e apaixonou-se loucamente por ella, paixão a que a jovem correspondeu com ternura.

Foi grande a lucta que se travou no intimo do asceta, uma lucta medonha e desesperada entre o que lhe anciava o coração e todo o seu ser, e a promessa que fizera a Deus. Sentiu-se prejuro, abominavelmente culpado, chegou a tomar horror por aquella tentação que lhe apparecera para o perder, pensou em pedir perdão á donzella, em se rojar aos pés do conde implorando clemencia para o seu delicto, mas se isto o envergonhava perante os homens, não se sentia menos peccador perante Deus. Pensou então em occultar o seu attentado, encheu-se de resolução horrivel e, fóra de si, perturbada a razão, aproveita uns momentos em que a sua joven tentadora está dormindo e dessepa-lhe a cabeça. Acto continuo enterra o cadaver, e depois foge errante pelos montes n'uma pregrinação penosa, em que lhe falta a coragem de se matar tambem, porque teme a ira de Deus e as penas infernaes. Assim vagueia muito tempo arrastando uma vida miseravel e atormentada pelos remorsos até que pensa em se dirigir ao Vigario de Christo na Terra e implorar perdão para os seus enormes peccados.

O papa não o absolve e diz-lhe que só Deus lhe póde perdoar, e para isso é preciso que Garin continue na sua vida de perigrinação e da mais custosa penitencia até que Deus se amercê d'elle e lhe dê por espiada a culpa, do que lhe fará revelação.

Garim animado pela esperança que lhe dá o papa, prosegue na sua vida errante e da mais rigorosa penitencia. Vagueia 27 annos por montes e serras, evitando ser visto dos homeus, alimenta-se unicamente de ervas e raizes como as bestas, o seu fato apodrece lhe no corpo e cae a pedaços, reduzindo-o a completa nudez. Crecem-lhe os cabellos e as unhas, a pele enegrece exposta ás interperias do tempo, a sua magreza é extrema, e torna-se um ente asqueroso difficil de classificar.

E' assim que o encontram uns caçadores, proximo de Montserrat, e o apanham como a um animal desconhecido, e o trazem para Barcelona, onde, dentro d'uma jaula, é mostrado ao publico como uma raridade.

São grandes as humilhações que Garin soffre n'esta situação, mas elle a tudo se sujeita pacientemente, na esperança do perdão divino.

Chega emfim esse perdão anunciado por uma voz que lhe diz:

«Garin bendiz a Nosso Senhor pois elle te annuncia pela minha bocca que estás perdoado».

Então Garin declara se quem é e vae á presença do pae de Raquilda confessar o que fez e onde enterrou a joven.

Parte uma grande comitiva para Montserrat em busca da sepultura de Raquilda. N'esta comitiva vae o Conde Jofre e Garin.

Aberta a sepultura vê-se com surpreza que Raquilda se conservava intacta e mal o ar a bafeja, volta-lhe a côr ao rosto, abrem-se lhe os seus olhos e ergue-se da campa viva e louçã como era antesde estar doente.

Era este o maior milagre do ermita que acabou o resto de seus dias em Montserrat.

Raquilda, joven e bella como d'antes, casa com um cavalleiro que requesta a sua mão e vivem ambos felizes.

Eis em resumo o que é a lenda sobre que o maestro Breton fez a sua nova opera em 4 actos, *Garim*.

A imprensa de toda a Hespanha tem tecidos os mais levantados elogios á musica de Breton, chamando-lhe o redemptor da musica hespanhola, fama que já lhe vem da sua opera *Los amantes de Teruel* que alcançou grandes applausos tanto em Hespanha como em Italia.

O maestro Breton offereceu a sua nova partitura ao Circulo do Liceo de Barcelona, cujos socios abriram uma subscripção entre si e os admiradores do grande maestro, para lhe darem um brinde valioso, subscripção que logo subiu a dez mil pesetas.

OS AUTOGRAPHOS DE CHRISTOVÃO COLOMBO

E' muito possivel que no actual centenario da descoberta da America por Christovão Colombo, hajam espertalhões que, pretendendo explorar a ignorancia de uns ou a mania de outros, apresentem á venda pretendidos autographos do grande navegador, apanhando assim grossas quantias por papeis apocryphos, ou mesmo maus apographos, falsificando os originaes.

Convêm pois que aqui façamos um pequeno esboço dos autographos de Colombo até hoje conhecidos, que são em numero de *vinte e nove*, e a designação das pessoas ou estabelecimentos scientificos que os possuem.

1.º — Copia de carta de Toscanelli, em 1477, que existe na Bibliotheca Colombiana em Sevilha. Vem photographada na *Historia del Almirante*, cap. 7.º, por D. Fernando Colombo, filho natural do grande navegador. E' este o mais antigo especimen da escripta de Colombo.

2.º — Annotações marginaes no livro de Eneas Sylvius — *Historia rerum ubique gestorum*. Venet 1477 - - (Bibliotheca Colombina, Sevilha.) Facsimile em photographia, de uma das paginas com algumas das referidas annotações.

3.º — Assignatura mysteriosa de Colombo, e um verso de um dos psalmos na primeira folha de uma copia de Claudio Ptolomeu de 1478. (Livraria do general de S. Romão em Madrid).

4.º — Annotações marginaes no livro de Marco Polo, extrahido para o latim por Francisco de Pepuris. Antuerpia 1485. (Bibliotheca Colombina em Sevilha) Copia photographica de uma das paginas com as annotações de Colombo.

5.º — Annotações marginaes no livro de Pedro d'Ailly *De Imagine Mundi*, sem data nem o nome do impressor; porem diz Lannoi ter sido impresso em 1490 (Bibliotheca Colombina) Peschel diz auctorisado por Las Casas, que estas annotações não são da mão do grande navegador mas de seu irmão Bartholomeu (*Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen p. 112*). Uma das paginas foi publicada nas notas de Colombo, das quaes Pilierski tirou um *fac-simile*. Nas mesmas notas apparecem *fac-similis* dos autographos n.os 2 e 4.

6.º — Carta dirigida aos reis catholicos Fernando e Isabel, assignada, sem data de anno, mas de certo entre 1496 e 1497 (Nos *Archivos Nacionaes e Historicos de Madrid*). Reproduzida em photolithographia nas *Cartas das Indias*, p. p. 1, 6.

7.º — Memorial dirigido aos mesmos reis. Assignado. Sem anno mas escripto talvez em junho de 1497 (livraria do general de S. Romão. Madrid.) O texto foi publicado nas *Viagens de Colombo* por Navarrette vol. 2.º pag. 528–530.

8.º — Esboço de uma carta dirigida aos ditos reis; não assignada, e sem designação de anno, mas seguramente escripta em 1500 (Archivos do duque de Veragua, em Madrid.) Foi publicado por Navarrette, vol. 2.º pag. 245–255.

9.º — Livro das Profecias 1501–1504 (Bibliotheca Colombina de Sevilha.) Foi submettido á approvação do padre Gorricio em 3 de tetembro de 1501, mas ha uma referencia addiccional datada de 1504. Só o que se vê escripto na folha LXXII parece a Navarrette ser da mão de Christovão Colombo.

10.º — Carta dirigida a Fernando e Isabel em 6 de fevereiro de 1502. Assignada. (Nos Archivos Historicos e Nacionaes de Madrid.) Photolithographada nas *Cartas das Indias* pp. 7–10.

11.º — Carta dirigida a Nicolau Oderigo. Sevilha. 21 de Março de 1502. Assignada. (Custodia da camara municipal de Genova) Lithographada em todas as edições e tratados do Codice Diplomatico Colombo Americano. Photographada pela municipalidade de Genova.

12.º — Carta dirigida ao Banco de S. George. Sevilha, 2 de abril de 1502. Assignada. (Custodia da camara municipal de Genova) Lithographada nos codices hespanhoes dos senhores de Toledo, por Banchero, e photographada pela municipalidade de Genova.

13.º — Carta dirigida ao padre Gaspar Gorricio. S. Lucas 4 de abril de 1502. Assignada (Archivos do duque de Veragua.) Publicada por Navarrette, vol. 1.º pag. 331.

14.º — Carta ao padre Gorricio Grandes Canarias. Entre os dias 20 e 25 de maio 1502. Assignada (Archivos do duque de Veragua) Publicada por Navarrette, vol. 1. pp. 331–332.

15.º — Carta ao mesmo padre, datada de Jamaica 7 de julho de 1503 e assignada. (Archivos do duque de Veragua.) Tambem publicada por Navarrette, vol. 1 pag. 332.

16.º — Carta a Diogo Colombo. Sevilha 21 de novembro de 1504. Assignada (Archivos do duque de Veragua.) Publicada por Navarrete, vol. 1, pag. 336.

Proseguiremos.

Silva Pereira.

OITO DIAS NO ALEMTEJO

NOTAS DE VIAGEM

V

(Continuadodo n.º antecedente)

Levantei-me á pressa, e desci á casa de jantar, para o almoço.

A casa de jantar da hospedaria do Dominguinhos, o diminuitivo por que o dono do hotel, o sr. Domingos Trindade, é conhecido em Portalegre e por toda a gente tratado, é pequena, estreita, illuminada apenas por uma janella, mas janella que tem uma vista lindissima, a serra de Santo Antonio, um monte coberto de verdura com uma ermidinha lá no alto muito branca, muito caiada, uma vista que nos continuou a miragem de Cintra que tinhamos tido ao entrar em Portalegre. Almoçamos *tant bien que mal* ou antes, mais mal do que bem.

Essa nossa primeira refeição em Portalegre não nos deixou uma grande impressão da cosinha alemtejana tão fallada; um beef delgadissimo como sola d'um chinello e durissimo como a sola d'um tamanco, uns ovos fritos com pessima manteiga, e umas empadas de carne, empadas enor-

mes, mas cujo recheio de carne desfiada era d'uma sensaboria colossal. Até aqui almoço pessimo, d'aqui por deante optimo, mas d'aqui por deante era pouco — queijo mestiço, excellente e um leite de cabra magnifico como nunca se bebe em Lisboa. Esquecíamos fazer menção do pão do alemtejo, mas essa menção não é menção honrosa, pelo contrario: o pão de Portalegre é detestavel, escuro, mal fabricado, de mau gosto e o de Castello de Vide não lhe fica a dever nada em má qualidade.

Almoçámos, encasacámo-nos e fomos para a Exposição que ficava ali a dois passos.

Esses dois passos andamol os de casaca, como os nossos avós andavam pelas ruas de Lisboa, e como toda a gente que tinha casaca andava essa manhã em Portalegre.

O edificio da exposição tinha um aspecto festivo. A' porta a banda de infanteria 22, lá dentro as salas cheias de homens e senhoras em toilette de gala.

A sessão solemne da abertura foi na primeira sala.

Inaugurou-a o senhor conselheiro Perestrello Corte Real, governador civil do Districto, lendo um discurso pequeno mas muito bem elaborado, em que fazia rapidamente a historia d'aquella exposição, em que muita gente não acreditava, que muita gente guerreou, d'aquella exposição devida á iniciativa particular, mais ainda, á iniciativa pessoal, d'um homem que só, sem auxilio do estado, sem auxilio de corporações, luctou sósinho contra a má vontade de alguns, contra a indifferença da grande maioria, luctou e finalmente venceu, e venceu brilhantemente como aquella exposição o demonstrava.

Estas referencias que eram louvores e louvores justissimos ao sr. José Maria Rosa, feitas pela primeira auctoridade do districto, foram sublinhadas por applausos e bravos do auditorio. Ao discurso inaugural do sr. governador Civil respondeu o sr. Rosa n'uma breve allocução que foi muito applaudida, e em seguida todas as pessoas que enchiam a sala passaram a visitar a exposição, exposição a que já nos referimos largamente na nossa chronica de 11 do mez passado.

Como já dissemos, o edificio da exposição, fica visinho á Sé de Portalegre.

Quando sahimos da sessão solemne da abertura da exposição entrava a elegancia portalegrense para a missa do meio dia.

Fomos assistir á missa e de caminho ver o velho templo qee não tem muito que ver, como edificio e cujas preciosidades artisticas estavam todas na exposição. Foi ahi na Sé que vimos pela primeira vez as *cucas*, as mantilhas caracteristicas das mulheres do Alemtejo, e que lhes dão uma feição original e antiga. As *cucas* ou *biucas* são umas grandes capotas de cartão cobertas de rendas, que cobrem completamente a cabeça e a cara, formando uma especie de tunnel dos seus 25 a 30 centimetros de profundidade.

Quando as mantilhas caem d'essa especie de alpendre sobre o collo, não ha maneira de distinguir as caras que estão lá dentro, ao fundo: a *cuca* faz perfeitamente o serviço d'uma mascara, mas quando as mantilhas se erguem avista-se então lá ao longe, como que no fim d'um cumprido corredor a cara da dona da *cuca*, e ás vezes essa cara não é feia e a moldura original que lhe faz a chapeleta não deixa de lhe dar um certo picante. O que é curioso é que a *cuca* é o unico traço caracteristico dos antigos trajes alemtejanos, que se encontra hoje nas cidades do Alemtejo, e encontra-se quasi que unicamente nas egrejas. Cá fóra, nas ruas, nos passeios, nos theatros a *cuca* apparece raramente, como aqui ha 20 annos apparecia nas ruas de Lisboa o capote e o lenço, mas na egreja a *cuca*, como d'antes, na quaresma, entre nós, a mantilha preta, é ainda o toucado habitual das senhoras de todas as classes.

Tinha ouvido fallar muito no calor do Alemtejo, já o tinha encontrado de passagem, no caminho de ferro, entre as estações de Abrantes e Ponte de Sôr, mas onde fiz intimo conhecimento com elle foi em Portalegre, n'esse domingo.

Eu tinha nas minhas recordações dos calores de bota a baixo, tres dias; um dia no Bom-Jesus do Monte, um dia em Thomar, e um dia em Lisboa em 1882, um dia de agosto ardentissimo em que ao atravessar o fallecido Passeio Publico, cheguei a achar muito possivel a hypothese de uma população inteira morrer asphixiada no meio da rua; a essas recordações tenho agora a juntar o do tal domingo de Portalegre.

Entretanto como eu queria ver a cidade e como queria provar o doce de Portalegre de que me diziam maravilhas, o goloso venceu em mim o encalmado e acompanhado pelo sr. João Morato e pelo Rebollo e pelas minhas pequenas, gulosas como eu, e a quem a idéa do toucinho do ceu fazia achar o sol muito fresco, fui ao convento de Santa Clara.

Fui e não perdi os meus passos, porque os famosos doces d'ovos de Thomar, os legendarios celestes de Santarem, os tradicionaes pasteis de Tentugal, os celebres ovos molles d'Aveiro, tudo isso fica a perder de vista ao pé do toucinho do ceu, do massapão e dos queijinhos de Santa Clara de Portalegre.

A base d'esses dôces é em todos a mesma, a amendoa e o assucar, mas as preciosas receitas do convento fazem com essa unica base uma variedade infinita de bolos, de differente valor, que não se parecem uns com os outros, parecendo-se apenas todos em ser deliciosos.

O dia não estava para grandes Africas, mesmo porque o sol fazia uma pequena Africa d'aquella cidade do Alemtejo e, carregados de bolos, voltamos para o Hotel onde nos esperava o jantar, que as 4 horas em ponto ia para a mesa.

Os donos do Hotel, o Dominguinhos e sua esposa, duas excellentes creaturas, extremamente obsequiadoras tinham nos dito que podiamos jantar ás horas que quizessemos, mas que era melhor jantarmos á hora da mesa redonda para a comida não vir requentada.

O jantar conciliou-nos muito mais com a cosinha alemtejana do que o almoço; um jantar muito soffrivel, á portugueza, com um excellente cosido com bellas hortaliças e uns explendidos chouriços, e farinheiras de Portalegre. O vinho é que achámos detestavel com o seu sabor a pêz, o mesmo sabor que já ha annos tinhamos encontrado no Val de Peñas, no Hotel dos Embaixadores, de Madrid.

Este sabor a pêz não quer dizer que o vinho seja bom ou mau, quer dizer apenas que é conservado em vasilhas de barro em vez de pipas de madeira, conforme se usa cá paral o sul: o barro é alcatroado e d'ahi esse sabor que para nós o torna insupportavel. E todo o vinho que ha á venda em Portalegre é assim, o que faria seguramente com que durante esses tres dias da nossa estada ali bebecemos só agua, que é optima, se não fosse a amabilidade d'um nosso velho companheiro de infancia, o sr. José Camarato, que ali tem a sua casa, e que sabendo da nossa antipathia pelos vinhos alcatroados, nos presenteou com meia duzia de garrafas de vinho da sua lavra do Prado, que é uma verdadeira delicia, o melhor vinho de mesa que temos bebido, superior ao melhor collares e ao melhor Bordeaux que temos provado, e que infelizmente não apparece á venda, pois o sr. José Camarato fabrica apenas vinho necessario para seu uso.

Ao assado tivemos tambem um vinho que não conheciamos, que é excellente, o champagne de Castello de Vide.

Tinhamos visto na Exposição esse vinho espumoso da lavra da viuva Lecoq e filhos e mostramos desejo de o conhecer sem ser apenas pelo rotulo e o sr. João Morato, apesar de esse vinho não se vender em Portalegre, lá foi, com a sua grande amabilidade desencantar uma garrafa d'elle, que é muito melhor do que a maior parte do champagne que em Lisboa se bebe, e que foi premiado na Exposição de Paris.

A' sobremesa tivemos outro presente, um grande cesto de morangos que nos mandou o visconde do Reguengo, morangos da sua quinta que são deliciosos, uns morangos enormes quasi do tamanho dos morangos do Porto e com o sabor do nosso morango saloio.

Quando iamos a sahir tivemos a visita do sr. Dr. Adolpho Ernesto da Motta, o reitor do Lyceu de Portalegre.

Conheciamos ha muito tempo de tradicção o sr. padre Motta, tinhamos muitas vezes escripto o seu nome na secretaria do Reino, tinhamos ouvido fallar muito n'elle, no tempo dos exames, em que de ordinario vem fazer parte dos jurys no Lyceu de Lisboa, mas nunca lhe tinhamos fallado. E faziamos d'elle uma idéa inteiramente differente, não sabemos bem porque.

Imaginavamos o Dr. Motta um padresinho velho, baixinho, d'oculos que uma vez, ha annos, no tempo dos exames tinhamos visto na rua do Ouro com dois examinadores nossos velhos amigos.

Fallámos com elles dois, cumprimentámos o padre velhinho sem saber quem era, mas calculámos que era o padre Adolpho Ernesto da Motta.

E arrumado assim este nome n'aquella pessoa não pensamos mais n'isso.

Foi por isso enorme a minha surpresa ao entrar na sala do Hotel onde sabia que estava á minha espera o Dr. Motta e ao ver apenas n'essa sala um homem novo ainda, desempenado, bella cara sympathica, intelligente, um homem que eu de manhã tinha visto na abertura da Exposição, sentado na mesa da presidencia á direita do governador civil e que me tinham dito ser o representante do arcebispo de Portalegre.

Esse homem era o Dr. Adolpho Ernesto da Motta e a sympathia que o seu bello aspecto inspira logo no primeiro momento transforma-se rapidamente em estima, em conversando com elle um bocado.

Excellente cavaqueador, muito intelligente, muito illustrado, sem *pose* alguma o Dr. Motta é o que os francezes chamam um *charmeur* e a sua bella conversação despertenciosa e interessante, prendeu-me tanto que me esqueci de que tinha que ir ao ensaio do *Commissario de Policia*

Era já quasi noite quando me separei do Dr. Motta, prommettendo-lhe no dia immediato ir ver o Lyceu, a seu cargo, Lyceu de que elle faz toda a occupação da sua vida. O ensaio do *Commissario* estava a acabar, e findo elle segui para a Feira Franca, no Rocio e para o Passeio Publico onde havia illuminação e musica.

A feira era uma feira parecida com a de Belem e a do Campo Grande, sem nada de caracteristico, com algumas barracas de quinquilherias a mais, com muitas barracas de comes e bebes e de theatros a menos.

Muita gente, muita bulha, os *bonniments* dos vendedores de sortes das barracas de quinquilharia, que saltam para cima do balcão agitando uma campainha e gritando como nas nossas feiras só se grita á porta das barracas de saltimbancos.

O passeio publico é grande, tem tres ruas largas, com bom arvoredo e é o *rendez-vous* da elegancia da terra.

A illuminação a petroleo deixa um pouco a desejar sob o ponto de vista de claridade, mas ainda assim envergonha o nosso gaz municipal.

O sr. Rosa, que pensa em tudo, que trata de tudo, que está em toda a parte ao mesmo tempo lá appareceu tambem no passeio a dirigir a illuminação á veneziana, dispondo os balões, tornando quanto possivel pittoresco o passeio que de pittoresco nada tem, que é o passeio publico banal de todas as terras de provincia.

A's nove horas começou a musica, tocada pela banda de infanteria 22, uma das melhores bandas regimentaes que ha no paiz e que é excellentemente regida pelo sr. Gloria, um artista eximio, muito querido em Portalegre. A concorrencia no passeio era enorme e quando ás 11 horas recolhi ao hotel, ainda na feira reinava muita animação, ainda para lá ia muita gente

(Continúa).

Gervasio Lobato.

REVISTA POLITICA

Em outros annos por estes tempos a politica pouco ou nada costuma dar que fallar de si; repousa nos campos á sombra das acácias ou banha-se nas thermas ingerindo ao mesmo tempo as medicinaes aguas, que lhe restauram o organismo achacado de despepsias resultantes da pouca sobriedade que a distingue.

É um descanço n'estes mezes calmosos, em que opposições e governos se dão o braço em bom convivio de villegiaturas, pondo de parte os papeis que cada um desempenha n'esta comedia e empunhando em seu logar as cartas do *wisth*, ou atirando-se aos azares das roletas nos clubs, arruinando a bolsa emquanto retemperam a economia, isto para não deixarem de arruinar alguma coisa.

Este anno, porém, vae fóra do costume, graças aos preparativos eleitoraes em que anda asafamada e as varias questões administrativas que se vão complicando sem darem folga para descansos.

O estado das finanças é de tal modo melindroso que não dispensa os constantes cuidados á sua cabeceira, e esse mau estado das finanças veio provocar uma nova questão, ou melhor, veio dar pé a umas mal cabidas reclamações do sr. Hersent, empreiteiro das obras do porto de Lisboa, que queria que o governo o indemnisasse do que está gastando a mais com os materiaes que manda vir de fóra do paiz, que lhe custam mais caros por causa da differença dos cambios.

Esta differença dos cambios parece ter sido providencial para o sr. Hersent, porque se não fôra ella, não sabemos se o mesmo sr. reclamaria alguma coisa, porque os mesmos materiaes tivessem encarecido por outra qualquer causa.

O sr. Hersent com as suas reclamações veio mostrar a inutilidade do contracto que firmou, que na opinião de sua ex.ª só devia servir-lhe para auferir bons lucros e nunca para perder um ceitil do que tinha calculado ganhar.

Se auferisse mesmo mais lucros do que aquelles que calculara, tudo estaria muito bem e nenhuma indemnisação se considerava obrigado a dar ao governo, mas como por contingencias que todos os negocios tem, não succedeu assim, entendeu que o governo o devia indemnisar da differença que prejudicava os seus lucros.

O governo, porém, entendeu exactamente o contrario do que entendeu o sr. Hersent, e, depois de ter ouvido o parecer de uma commissão que nomeou para estudar esta questão, parecer que foi contrario ás reclamações do sr. Hersent, deu por bom o contracto não admittindo as reclamações, e intimou o empreiteiro das obras do porto de Lisboa a proseguir nos trabalhos e a concluil-os no praso marcado.

Em vista d'esta decisão do governo, que não podia ser outra, o sr. Hersent declarou não poder continuar a empreitada, e suspendeu todos os trabalhos, o que levou o governo a, acto continuo, tomar conta de todo o material e mandar proseguir a obra por administração.

Esta resolução foi bem recebida pela opinião publica, que estava já vendo nas reclamações do sr. Hersent, pretexto para mais um d'esses actos de favoritismo que tem sido a norma dos governos d'este paiz, mas que felizmente não se deu d'esta vez, com grande espanto, provavelmente, da parte interessada e não menos admiração de todos.

E' mais um acto do governo que merece o apoio geral, e que tem sido o assumpto que n'estes ultimos dias mais tem interessado o publico. Outro facto está tambem despertando a curiosidade publica e é uma reunião que está annunciada para ámanhã, de varios capitalistas, negociantes e industriaes, em casa do sr. conde da Folgosa, para se tratar da situação financeira e economica do paiz.

Diz-se que a essa reunião vae o sr. Dias Ferreira expor o estado das finanças e a sua opinião a respeito das mesmas, etc., etc.

Esta reunião, promovida pelo sr. presidente do conselho, tem evidentemente caracter politico, apezar de para ella não serem convidados politicos, sob a significação que entre nós tem esta palavra. Sim, não são propriamente os *politicos*, essa phyloxera da administração publica.

E' exactamente por isto que alguns jornaes, dos politicos, já estão querendo metter a ridiculo a tal reunião que, de resto, póde muito bem ser o nucleo de um novo partido, um partido nacional, da nação que trabalha e que paga para os cofres publicos, a que resta o direito de superintender tambem na administração como a quem mais lhe doe.

Veremos o que sae d'esta reunião, se ella consegue despertar da indifferença geral os que mais nos casos estão de darem força ao governo, de o livrarem do phyloxera politico, para que elle possa governar em liberdade, sem os milhares de atrictos dos partidos politicos gastos e desacreditados, onde os interesses particulares se impõem de preferencia aos interesses publicos, por um acanhado e errado ponto de vista que tem levado o paiz a este estado.

Que esses partidos ponham os olhos n'aquella pobre mulher das Terras de Bouro, que veio á repartição de fazenda do seu districto, offerecer livremente 50$000 réis ao Estado por saber que elle estava pobresinho.

Este facto, que tem sido noticiado com risos, importa um acto de civismo digno de respeito, e só a corrupção que lavra por esta sociedade é que póde achar ridiculo o que ainda podera vir a ser sublime.

Nós te saudamos, mulher do Bouro, n'esse teu ingenuo patriotismo.

João Verdades.

O MAESTRO THOMAZ BRETON

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Ha crise ou não ha crise, por V. G. Lisboa, 1892. Um folheto de 29 pag. in-8.º. O auctor d'este folheto attribue a causa da crise que atravessamos á desegualdade do imposto que sobrecarrega uns e alevia outros, a ponto de haver dólo para o thesouro. N'este sentido, além d'outros argumentos, recopila o que o sr. Pedro de Carvalho disse em 1881 com respeito aos differentes impostos, em que mostra bem claramente a irregularidade das contribuições, o que por mais de uma vez se tem ventilado no parlamento e na imprensa, sem se lhe dar remedio.

Ora como não se póde admittir essa irregularidade, sem se confessar que ella faz parte da corrupção dos costumes, cá estamos cahidos na immoralidade que transunda de todos os lados, como causa principal da crise.

Encarem os differentes publicistas, a actual crise, pelo lado que quizerem, que fatalmente hãode encontrar nas suas cogitações a immoralidade a sobrepujar tudo e conduzir o paiz ao estado em que se acha.

Pelo que se vê, de todos os lados, se vão levantando brados n'este sentido, e nós continuaremos a dizer: Oxalá esses brados encontrem echo nas altas regiões do poder.

Brinde aos Senhores Assignantes do Diario de Noticias em 1891. Este livro com que todos os annos a Empreza do *Diario de Noticias* brinda os seus assignantes, tem este anno por titulo: **Eduardo Coelho** *a sua vida e a sua obra, alguns factos para a historia do jornalismo portuguez contemporaneo*, por Alfredo da Cunha. Justa homenagem prestada ao benemerito jornalista.

O Estabelecimento Thermal das Caldas da Felgueira *e suas aguas medicinaes — Relatorio do medico da companhia* Dr. João Felicio Paes do Amaral, etc. Lisboa, 1892. Um folheto de 38 pag. in-8.º, illustrado com gravuras representando o estabelecimento thermal.

Faz-se n'este relatorio a analyse das preciosas aguas da Felgueira, e apresentam-se casos clinicos da sua applicação firmados por distinctos medicos, como os srs. drs. Leonardo Torres e Manuel Bento de Sousa.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 4